

A photograph of Rahul Gandhi, the leader of the Indian National Congress, leading a large-scale march. He is in the center, wearing a white t-shirt and dark trousers, with his right arm raised in a gesture. He is surrounded by a crowd of people, many of whom are holding Indian national flags. The background is a clear blue sky. The text is overlaid on the image.

BHARAT

JODO

YATRA

Tradução para o
Português

RAHUL
GANDHI'S
EPIC
MARCH

RECLAIMING INDIA'S SOUL

PUSHPARAJ
DESHPANDE



RUCHIRA
CHATURVEDI

FOREWORD BY MALLIKARJUN KHARGE

Nota Explicativa

“*Bharat Jodo Yatra*” pode ser traduzido como “Marcha para Unir a Índia”. A expressão “*Bharat*” refere-se à Índia e “*Jodo*” significa “unir” ou “conectar”. A “*Yatra*” é uma palavra em hindi que significa “jornada” ou “marcha”. “*Reclaiming India’s Soul*” significa “Reconquistando a Alma Indiana”

Essa marcha, organizada pelo partido Congresso Nacional Indiano e liderada por Rahul Gandhi, foi uma iniciativa de mobilização política e social com o objetivo de promover a unidade, a solidariedade e combater as divisões políticas e sociais no país. A Yatra percorreu milhares de quilômetros de sul a norte da Índia e procurou reforçar os valores democráticos e a diversidade do país, além de convocar os cidadãos a se unirem em torno de questões como justiça social e igualdade.

Este é o relato definitivo da Bharat Jodo Yatra, a épica marcha de 4.000 quilômetros que percorreu o país de setembro de 2022 a janeiro de 2023 sob a liderança de Rahul Gandhi, membro do Parlamento (*Lok Sabha*) e ex-presidente do Congresso Nacional Indiano. Este livro é um mapa abrangente do porquê, do quê e do como dessa tarefa hercúlea. Indo além do simbólico, ele se esforça para capturar as aspirações e reflexões dos caminhantes e organizadores, e dos eminentes indianos que se juntaram à Yatra, de Kanyakumari (sul do país) a Caxemira (norte). Ao fazer isso, também tenta entender e abraçar as vastas diversidades da Índia. A Yatra foi, principalmente, um chamado vibrante a todos os indianos para reivindicar a humanidade coletiva e, portanto, a alma da Índia.

Aqui, estão traduzidos para o português os três primeiros artigos introdutórios de um total de trinta e dois artigos que compõem o livro.

Bharat Mata: A Voz de Todo Indiano

Rahul Gandhi

Prefácio

Uma Revolução Popular para Reunificar a Índia

Mallikarjuri Kharge

Karma Yoga: Rumo à Reconquista da Alma Indiana

Pushparaj Deshpande

Um vídeo sobre a marcha pode ser visto no link abaixo.
[bharat jodo nyay yatra nyay anthem - Google Search](#)

Tradução: Paulo Bracarense, Secretário de Relações Internacionais do PSB.

Bharat Mata: A Voz de Todo Indiano¹

Rahul Gandhi²

‘Se as palavras vierem do coração, elas entrarão no coração.’

Rumi

No ano passado, passei cento e quarenta e cinco dias caminhando pela terra a que chamo casa. Comecei na beira do mar e caminhei através do calor, da poeira e da chuva. Através de florestas, cidades e colinas, até chegar à neve macia da minha amada Caxemira. Ao longo do caminho, muitas pessoas me perguntaram: “Por que é que você está fazendo isto? Ainda hoje perguntam: “Por quê? O que é que procurava? O que você encontrou?”

Eu queria compreender aquilo que eu amava. Algo pelo que eu estivesse disposto a desistir de tudo, incluindo minha vida. Algo que pudesse me fazer suportar tanta dor e tanto abuso durante tantos anos.

-
1. Rahul Gandhi, ‘**Bharat Mata: The Voice of Every Indian**’, Indian National Congress, 15 October 2023, <https://inc.in/in-focus/bharat-mata-the-voice-of-every-indian> (last accessed on 27 November 2024).
 2. **Rahul Gandhi** é um político indiano, nascido em 19 de junho de 1970, em Nova Dehli. Ele é membro do Parlamento (*Lok Sabha*) e um importante líder do partido **Congresso Nacional Indiano** (INC). Rahul é neto de **Indira Gandhi**, ex-primeira-ministra da Índia, e bisneto de **Jawaharlal Nehru**, o primeiro primeiro-ministro do país. Além disso, é filho de **Rajiv Gandhi**, ex-primeiro-ministro da Índia, e **Sonia Gandhi**, uma importante figura política e ex-presidente do INC.

Eu queria saber exatamente o que é que eu amava. Seria esta terra? As montanhas? O mar? Era uma pessoa? Seria um povo, ou um conjunto de ideias? Mas havia algo mais. Também queria perceber que tipo de coração era o meu que se tinha deixado capturar desta forma.

Durante anos, eu costumava correr de oito a dez quilômetros todas as noites. Então pensei: “Vinte e cinco?” Posso facilmente caminhar vinte e cinco quilômetros. Tinha a certeza de que a caminhada ia ser fácil.

Em poucos dias, a dor chegou. A minha velha lesão no joelho, que horas de fisioterapia tinham banido, estava de volta. Na manhã seguinte, dei por mim a chorar, sentado sozinho num contentor de metal. Como é que eu ia conseguir percorrer os 3.800 quilômetros que tinha pela frente? A muleta da arrogância tinha desaparecido.

Começamos a caminhar na escuridão antes do amanhecer. Quase imediatamente, a dor começaria. Como um lobo esfomeado, seguia-me para onde quer que eu fosse, à espera que eu parasse. Alguns dias depois da caminhada, o meu fisioterapeuta juntou-se a nós; veio e deu-me conselhos sábios. A dor manteve-se.

Foi então que comecei a aperceber-me de algo. Sempre que pensava em parar, sempre que pensava em desistir, alguém vinha e dava-me a energia para continuar. Uma vez foi uma menina adorável com uma carta bonita, outra vez uma senhora idosa com umas bananas fritas, depois um homem que de repente correu e me abraçou. Era como se uma energia silenciosa estivesse sempre a ajudar-me e, como pirilampos numa floresta escura, estava em todo o lado. Quando eu realmente precisava, ela estava lá para ajudar e guiar. A Yatra avançou. No início,

queria dizer a toda a gente o que pensava. Queria mostrar-lhes o que compreendia. Falei de soluções para os seus problemas. Mas rapidamente o número de pessoas tornou-se tão grande e a dor tão persistente que comecei a observar e a ouvir.

Havia sempre um ruído no espaço por onde passávamos, com *slogans* altos, câmaras a fazer clique e pessoas a empurrarem-se. Uma e outra e outra vez. Todos os dias, durante oito a dez horas, limitava-me a ouvir, tentando ignorar o meu joelho.

Então, um dia, senti um silêncio que nunca tinha sentido antes. Só conseguia ouvir a voz da pessoa que segurava a minha mão e falava comigo. A voz interior que me falava desde criança tinha desaparecido. Sentia-me como se algo tivesse morrido. Era um agricultor e falava da sua colheita. Chorava enquanto me mostrava os fios de algodão podre. Vi os anos de sofrimento nas suas mãos. Naqueles ramos de algodão, pude ver o medo que ele sentia pelos seus filhos. No seu rosto encovado, pude ver as noites que passou com fome. Falou-me de como tinha assistido impotente à morte do pai. Falou-me da humilhação que sentia quando já não tinha dinheiro para dar à mulher. Não havia nada que eu pudesse dizer, por isso parei de andar e abracei-o.

Isto aconteceu uma e outra vez. Aconteceu com crianças, com mães e com estudantes. Aconteceu com comerciantes, carpinteiros e operários. Aconteceu com soldados. Agora, quase nunca me ouvia a mim próprio ou à multidão. A minha atenção não se desviava da pessoa que me falava ao ouvido. A conversa constante e o julgamento dentro de mim desapareceram. Quando um estudante dizia que tinha medo de reprovár, eu ouvia. Quando um grupo de crianças, em uma manhã, eram obrigadas a ir para a rua mendigar, a vida tremia à minha frente. Decidi que andaria de camiseta até

não poder mais. O objeto do meu amor tinha-se revelado de repente. A minha amada Bharat Mata não era uma terra. Não era um conjunto de ideias. Não era uma cultura, uma história ou uma religião em particular. Nem era a casta que tinha sido atribuída às pessoas. A Índia era a voz de cada um dos indianos, independentemente de serem fracos ou fortes. A Índia era a felicidade, o medo e a dor escondidos no fundo de todas as vozes.

Para ouvir a Índia, a minha própria voz, os meus desejos e as minhas ambições tinham de se calar. A Índia falaria com um dos seus, mas só se ele fosse humilde e completamente silencioso.

Como tudo se tinha tornado simples. Tinha andado à procura no rio daquilo que só podia ser encontrado no mar.

Prefácio

Uma Revolução Popular para Reunificar a Índia

Mallikarjun Kharge¹

Padyatras e satyagrahas têm tido um significado especial na Índia. Uma padyatra (marcha) sempre serviu como um meio de estabelecer contato com o povo, compreender as suas queixas e mobilizá-lo para uma causa maior. As satyagrahas (resistência não violenta), por outro lado, conseguiram introduzir mudanças sociopolíticas significativas. Ambas foram utilizadas com grande eficácia durante a luta pela liberdade na Índia. Estes dois instrumentos poderosos convergiram na Bharat Jodo Yatra (a Yatra) de Rahul Gandhi, que conseguiu unir a nação para promover a ideia constitucional da Índia.

1. **Mallikarjun Kharge** é o presidente da Indian National Developmental Inclusive Alliance (ÍNDIA), ele é o presidente do partido do **Congresso Nacional Indiano** e o líder da Oposição desde dezembro de 2022. Anteriormente, ele atuou como líder do partido do Congresso e Ministro da União para Ferrovias, Trabalho e Emprego. Ele também ocupou uma série de pastas no governo de Karnataka. Começando como presidente do Comitê do Congresso da Cidade de Klaburagi em 1969, ele sustenta um recorde de dez eleições consecutivas.

As pessoas precisam ser ouvidas. Precisam se sentir incluídas. E precisam saber que algo está sendo feito em relação ao que expressaram sobre as suas necessidades e aspirações. Mas infelizmente, o governo não cumpriu nenhum destes três objetivos na última década. Por isso, o homem comum sente-se verdadeiramente excluído. As pessoas comuns têm estado desesperadas por alguém que lhes preste atenção com respeito e compaixão. E Rahul Gandhi deu um passo em frente. Não se limitou a percorrer os mais de 4.000 quilômetros através de doze estados - entrou diretamente no coração das pessoas.

Milhões de indianos falaram com ele, relatando histórias incontáveis de sofrimento devido ao desemprego, à estagnação dos salários, a uma economia estagnada que já não funciona para todos, a uma atmosfera generalizada de medo e ódio e à anarquia geral. As pessoas não se sentem seguras, porque tudo o que fez a grandeza da Índia foi ou está sendo destruído. O medo é real, porque quando Rahul Gandhi falou sobre as injustiças que as mulheres têm enfrentado em particular, foi apresentado uma FIR (admoestação oficial) contra ele pouco depois (sugerindo uma correlação entre a afirmação de Gandhi e a admoestação que recebeu). As pessoas sentem que não são importantes, com o governo conduzindo os assuntos da nação como se se tratasse de um *reality show* incessante e entorpecedor. Não é por acaso que dezenas de milhões de indianos, incluindo *Dalits*, *Adivasi*, outras classes pobres, mulheres, minorias, agricultores, trabalhadores, pequenos comerciantes, profissionais e jovens, se juntaram à Yatra. Não vieram apenas para proteger a Constituição da Índia, mas para proteger o valor inalienável que confere a cada um deles liberdades e direitos civis – aqueles de uma pessoa, um valor. Estavam assim a juntar-se para salvaguardar a sua própria autonomia e individualidade.

Tal como Mahatma Gandhi fez com a Dandi Yatra, a Bharat Jodo atravessou aldeias e cidades, interagindo

com pessoas de todos os estratos sociais, ouvindo as suas preocupações e unindo-as numa luta mais vasta. À semelhança do Mahad Satyagraha de Babasaheb Ambedkar, a Bharat Jodo lutou pelos mais desprovidos de voz, apesar das enormes dificuldades. Isto não foi fácil devido à constante ameaça à segurança (o que não é uma questão menor, dado que duas gerações da família Gandhi pagaram o preço final a serviço da nação). Mas Rahul Gandhi continuou a caminhar. Nos inúmeros comícios públicos, nas interações com as comunidades e nos diálogos com diversos grupos, uniu a Índia com uma força de vontade absoluta.

Na última década, o Partido Bharatiya Janata (BJP) tentou, de forma antidemocrática, moldar a consciência das massas através da sua máquina de propaganda. Para este efeito, utilizou de forma desonesta os meios de comunicação social, as redes sociais, a cultura popular e as instituições públicas. O governo do BJP utilizou-os para impor a agenda de longa data de um líder, uma ideologia e um partido. Pode afirmar (como o fez) que é sua prerrogativa política disseminar a sua própria propaganda. Mas, ao fazê-lo, suprimiu metodicamente as preocupações legítimas de milhões de indianos - quer se trate de estudantes, agricultores, *Dalits*, *Adivasi*, minorias, governos estaduais ou qualquer pessoa com uma visão diferente da do BJP. É por isso que a Índia está sendo palco de pequenos e grandes protestos em todo o país.

Esta é a diferença fundamental entre o partido do Congresso e o BJP. Para o Congresso, todos os indianos são parte integrante da nação, independentemente da sua origem e de quem são. Assim, ao promover as necessidades e aspirações de um indivíduo, o Congresso sente que está promovendo o interesse nacional. É por isso que o Congresso passa tanto tempo ouvindo as pessoas, nos processos parlamentares, na

governança inclusiva e no republicanismo (em que somos obrigados a ouvir até a última pessoa da fila). Em contrapartida, o BJP sempre defendeu que sabe mais - para os cidadãos e para a nação em geral. É por isso que, em vez de ouvir as partes interessadas constituintes da Índia e de integrar as suas necessidades num plano nacional, tem tentado sistematicamente moldar tudo à sua imagem - as pessoas, as ideias, os estados, as instituições públicas etc. Por conseguinte, o Primeiro-Ministro apenas impôs o seu *mann ki baat* (reflexões pessoais) e o do Sangh Parivar (Nota do tradutor: antiga ideologia de organizações nacionalistas hindus), ignorando o *jann ki baat* (a voz do povo). Ignorar a voz popular é fundamentalmente contrária à ideia civilizacional e constitucional da Índia. E prenuncia uma grave ameaça ao contrato social da Índia.

Este fato não foi suficientemente analisado, mas a Bharat Jodo foi também a derradeira medida de reforço da confiança dos partidos políticos. O BJP tem tentado insidiosamente minar e circunscrever todos os outros partidos políticos, em parte porque é mais fácil ganhar e manter o poder destruindo a oposição do que com as suas próprias forças. Isto quando mais de 60 por cento da população votou em outros partidos. O BJP destruiu partidos - mesmo os seus próprios aliados -, circunscreveu legisladores e suprimiu a Oposição. Este retrocesso democrático não é apenas inconstitucional, mas torna ainda mais difícil para o povo da Índia ouvir a sua voz. Mas Rahul Gandhi levou todos os partidos na Yatra, deixando claro que a Yatra era tanto sua como deles. Deu-lhes espaço, respeitou a sua capacidade de ação e mostrou ao povo indiano que todos os partidos estavam unidos no trabalho para o bem comum. Isso contrastava fortemente com a política predatória do BJP, e acredito que essa camaradagem desempenhou um papel significativo na costura da Aliança Indiana para o Desenvolvimento Inclusivo (*Indian Developmental Inclusive Alliance - INDLA*).

Assim, num sentido muito real, a Bharat Jodo serviu como um instrumento de integração nacional. Mas para o partido do Congresso, a Yatra também tem um significado mais fundamental. Durante muitos anos, o Congresso sofreu muitas perdas eleitorais e esteve ideologicamente à deriva. Mas a Yatra de Rahul Gandhi serviu como um catalisador para a revitalização organizacional. O Congresso recuperou a força e a vitalidade que a nação ansiava por ver no partido. Também deu uma plataforma aos jovens dinâmicos do partido para mostrarem o seu trabalho árduo. Encontramos muitos jovens militantes que, de forma enérgica e eficiente, organizaram eventos, chegaram às comunidades locais e abordaram com sensibilidade as suas preocupações. Para além disso, Rahul Gandhi fez um grande esforço pessoal para garantir que estes jovens também conhecessem o rico património cultural da Índia e os diferentes desafios enfrentados pelos nossos compatriotas indianos. Sem dúvida, a Yatra inspirou milhões de Congressistas a tornarem-se agentes proativos da mudança, promovendo um sentido de pertencimento e responsabilidade em relação à missão do partido. Este fato reforçou consideravelmente a força do Partido do Congresso, que conta agora com centenas de militantes políticos brilhantes, conscienciosos e competentes.

Participei na Yatra e em múltiplas reuniões públicas em todos os estados por onde passou. Pude ver o seu impacto cada vez maior e as ondas que estava causando na paisagem política. A essência desta Yatra é mais bem sintetizada nas palavras poéticas de Moinuddin Sahab: *“Hayaat leke chalo, kaayamaat le ke chalo; chalo to saare jamaane ko saath le ke chalo* (Vamos tomar a vida, vamos tomar o universo; venham, vamos levar o mundo inteiro conosco). À medida que a Yatra avançava, foi atraindo uma caravana cada vez maior de ativistas políticos, ativistas sociais, escritores, atores, profissionais e indivíduos de todos os setores da sociedade. Apesar de os meios de comunicação social se terem esforçado por encobrir de forma fajuta o evento, a Yatra foi objeto de uma ampla cobertura nas redes sociais e

de debates na sociedade. A mensagem da Yatra repercutiu em todas as aldeias, criando uma ponte de comunicação com o público e reacendendo a esperança entre aqueles que se tinham mostrado apáticos em relação à política. No rescaldo da Bharat Jodo, o Congresso Nacional Indiano encontra-se não só rejuvenescido, mas também profundamente reconectado com o pulso da nação. Além disso, a Yatra transformou Rahul Gandhi no principal símbolo de resistência da Índia, encarnando uma oposição consciente contra a ideologia retrógrada do *Rashtriya Swayamsevak Sangh*¹ (RSS)-BJP.

Rahul Gandhi e as suas duas *maha-yatras* (grandes marchas) são um apelo claro a todos os patriotas para que se juntem a uma luta histórica para reunificar a Índia e restaurar o caminho por onde os nossos fundadores nos iniciaram.

Agitando a consciência da nação, elas podem ser apropriadamente descritas como os primeiros passos da luta do homem comum contra o governo do BJP para recuperar os seus direitos e a sua dignidade. Neste espírito, só posso dizer aos meus compatriotas: *‘Ek tera kadam, ek mera kadam ... jud jaaye saara watan* (Um passo seu, um passo meu ... todo a nação se unirá)’.

Karma Yoga: Rumo à Recuperação da Alma da Índia

Pushparaj Deshpande¹

O Bhagavad Gita² sugere que há muitas formas de atingir o nirvana (a Verdade suprema ou a realização de Deus) - através do *Jñāna yoga* (conhecimento), do *Bhakti yoga* (devoção) e do *Karma yoga* (ação desinteressada). A Bharat Jodo Yatra (BJY (marcha para unir a Índia) ou a Yatra (marcha)) foi uma instanciação do método milenar do Karma yoga para procurar a verdade - tanto pessoal como pública. É nessa busca que também encontramos Bharat - a amálgama de “*Bha*” (luz) e “*Rati*” (deleitar-se). Isto tornou-se especialmente pertinente porque, nos últimos anos, a Índia tem sofrido de uma epidemia fabricada de compromissos morais, falsidades e retrocessos (ideológicos, políticos, sociais e culturais). Todos os dias nos afastamos mais de *satya* (verdade), *tap* (austeridade), *daya* (compaixão) e *daan* (generosidade) - as quatro componentes do *Dharma* (a lei divina). Para usar a expressão do filósofo italiano.

-
1. **Pushparaj Deshpande** é o diretor da Samruddha Bharat Foundation. Ele é o editor da série dos volumes Rethinking India, Reshaping India e coeditor de artigos para vários jornais nacionais. Ele trabalhou com vários legisladores, na Rajya TV, no Rajiv Gandhi Institute for Contemporary Studies e no partido **Indian National Congress**. Ele é um ex-membro do LAMP com a PRS Legislative Research. Ele caminhou na Bharat Jodo Yatra e ajudou com a divulgação e interações da sociedade civil em alguns estados. Ele tuita como @PushparjVD.
 2. **Nota do Tradutor:** O **Bhagavad Gita** (ou simplesmente **Gita**) é um dos textos mais sagrados e influentes da tradição hindu. É um poema filosófico e espiritual que faz parte do **Mahabharata**, um dos maiores épicos da literatura indiana. Escrito originalmente em sânscrito, o Gita é um diálogo entre o príncipe **Arjuna** e o deus **Krishna**, que atua como seu guia e conselheiro divino.

Antônio Gramsci: “O velho mundo está morrendo e o novo mundo luta para nascer: agora é o tempo dos monstros... neste interregno, aparece uma grande variedade de sintomas mórbidos”.

Atualmente, existe uma crença generalizada de que o Estado, que foi cuidadosamente concebido para ser um juiz neutro e honesto entre os grupos constituintes da Índia, já não tem ouvido os grupos constituintes da Índia. Em vez disso, na sua ânsia de impor um partido, um líder e uma ideologia às diversidades continentais da Índia, o governo do Partido Bharatiya Janata (BJP) “tem sido tendencioso na aplicação do Estado de direito¹, que parece estar cada vez mais dependente da conformidade com a ideologia do partido no poder. Os cidadãos e os governos estaduais são confrontados com a amarga realidade de que os seus direitos e liberdades políticos, civis e culturais, garantidos constitucionalmente, estão sendo metodicamente minados, tanto por atores estatais como não estatais.² Além disso, ‘enquanto o Estado tem utilizado leis draconianas³ para suprimir a liberdade de expressão e tem reprimido estudantes, agricultores, ativistas, funcionários do setor público, etc.,⁴ os atores não-estatais têm imposto normas rígidas com relação à alimentação, vestuário, idioma, mobilidade, religião e liberdade de expressão aos *Dalits*, *Balujans*,

1. ‘Uniting the Nation: Re-engineering India’s Hardware and Software’, by Pushparaj Deshpande, in Pushparaj Deshpande and Gurdeep Sappal (eds.), *The Great Indian Manthan: State, Statecraft and the Republic*, Penguin Random House India, New Delhi, 2023.

2. Ibid.

3. Houve um aumento anual de 28% nos casos de sedição entre 2014 e 2020 de acordo com o relatório ‘A Decade of Darkness: The Story of Sedition in India’, Article 14, <https://sedition.article-14.com> (last accessed on 4 February 2020).

4. ‘Autocratization Turns Viral: Democracy Report 2021’, V-Dem Institute, University of Gothenburg, https://v-dem.net/documents/12/dr_2021.pdf (last accessed on 7 April 2021); and Mahtab Alam, ‘India’s “Extraordinary” Laws Need to Be Revoked, Not Revamped’, *The Wire*, 18 February 2021, <https://thewire.in/rights/uapa-sedition-psa-nsa-extraordinary-laws> (last accessed on 7 April 2021); ‘Uniting the Nation: Re-engineering India’s Hardware and Software’, by Pushparaj Deshpande, in Pushparaj Deshpande and Gurdeep Sappal(eds.), *The Great Indian Manthan: State, Statecraft and the Republic*, Penguin Random House India, New Delhi, 2023.

Adivasis, mulheres, bem como minorias ideológicas e religiosas.⁵ Por último, ‘o Estado adiou a detenção dos perpetradores, ou prendeu jornalistas⁶ que relataram fatos incômodos e porque legisladores filiados ao partido no poder intervieram positivamente a favor dos perpetradores.⁷ Em alguns casos, o Estado também se aliou a atores não estatais para intimidar e atacar minorias.⁸ Isto é civilizacional e constitucionalmente estranho à Índia.

-
5. ‘The State of the World’s Human Rights 2017/18: India’, Amnesty International, 22 February 2018, https://issuu.com/amnestynorway/docs/the_state_of_human_rights_20172018 (last accessed on 9 July 2019); Pushparaj Deshpande and Gurdeep Sappal (eds.), *The Great Indian Manthan: State, Statecraft and the Republic*, Penguin Random House India, New Delhi, 2023.
 6. ‘Freedom in the World 2019’, Freedom House, <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2019/india> (last accessed on 9 July 2019); Kavitha Iyer, ‘India Has Launched a Sharp Assault on Press Freedom—but Independent Media Is Determined to Resist’, Scroll.in, 15 February 2021, <https://scroll.in/article/986981/as-more-indians-turn-to-independent-media-for-news-press-freedom-faces-sharp-attacks> (last accessed on 7 April 2021).
 7. Mudasir Ahmad, ‘BJP Leader in Front, Hindu Ekta Manch Waves Tricolour in Support of Rape Accused in Jammu’, The Wire, 17 February 2018, <https://thewire.in/politics/hindu-ekta-manch-bjp-protest-support-spo-arrested-rape-jammu> (last accessed on 9 July 2019); Shuja-ul-Haq, ‘Kathua Rape Case: 2 BJP Ministers Attend Rally in Support of Accused’, *India Today*, 4 March 2018, <https://www.indiatoday.in/india/story/kathua-rape-case-2-bjp-ministers-attend-rally-in-support-of-accused-1181788-2018-03-04> (last accessed on 9 July 2019).
 8. Mani Chander, ‘The Rise of India’s Police State: Shadowy New Agencies with Shadowy Powers’, Article 14, 7 December 2021, <https://www.article-14.com/post/the-rise-of-india-s-police-state-shadowy-new-agencies-with-shadowy-powers-61aed9b1b6796> (last accessed on 4 February 2022); Devendra Pratap Singh Shakhavat, ‘Police & Govt ally with Hindu Groups Intimidating, Attacking Christians in MP, 0.29% of State Population’, Article 14, 3 February 2022, <https://www.article-14.com/post/police-govt-ally-with-hindu-groups-intimidating-attacking-christians-in-mp-0-29-of-state-population-61fb458cf16f5> (last accessed on 4 February 2020); ‘Uniting the Nation: Re-engineering India’s Hardware and Software’, by Pushparaj Deshpande, in Pushparaj Deshpande and Gurdeep Sappal (eds.), *The Great Indian Manthan: State, Statecraft and the Republic*, Penguin Random House India, New Delhi, 2003.

Esta perversão está corrompendo a alma nacional e fazendo com que os indianos esqueçam os laços comuns que os unem como indianos. Esta guerra contra a ideia constitucional da Índia está libertando forças centrífugas que são prejudiciais ao bem-estar nacional. Só para citar alguns exemplos gritantes, a situação de guerra civil em Manipur, os receios e as tensões entre as minorias indianas (face ao ódio cultivado e à alteridade), os receios moderados mas palpáveis entre a classe empresarial indiana, os múltiplos protestos estudantis, os protestos dos trabalhadores rurais e urbanos, as tensões agudas entre os governos estatais eleitos e os governadores, etc., são todos emblemáticos da escalada das tensões sociais que estão fervendo. Por conseguinte, foi corretamente argumentado que “esta espiral crescente de terrorismo patrocinado pelo Estado e a concomitante abdicação de funções cívicas e de bem-estar não só criaram uma desconfiança generalizada em relação a muitas instituições estatais, como também desestabilizaram o tecido social da nação. Longe de ser visto como a autoridade moral suprema, atualmente o Estado é visto como apenas mais um interveniente em conflito, desvinculado dos valores constitucionais e institucionais.”⁹

Perante este perigoso retrocesso estrutural, a Bharat Jodo Yatra serviu, antes de mais, como uma plataforma honesta e sincera de conversação entre o povo da Índia e a classe política. Preenchendo o vazio criado pelo Estado, a Yatra prestou atenção às necessidades e aspirações do povo e deu voz aos que não têm voz, como atestam os ensaios de Nikhil Dey e Medha Patkar-Guddi neste volume. Isto pode parecer supérfluo, mas a Yatra foi também um esforço para apelar à alma da Índia. Aproveitando conscientemente *karuna* (compaixão), *maitreyi* (camaradagem), *satya* (verdade) e *sneh*

9. *Uniting the Nation: Re-engineering India's Hardware and Software*, by Pushparaj Deshpande, in Pushparaj Deshpande and Gurdeep Sappal (eds.), *The Great Indian Manthan: State, Statecraft and the Republic*, Penguin Random House India, New Delhi, 20

(amor), a BJY essencialmente reumanizou e repersonalizou a Índia. O efeito catártico que isto teve na consciência das massas não pode ser suficientemente realçado.

Ainda mais crucial, ao recriar este sistema único de envolvimento de massas (que foi utilizado com grande eficácia durante a luta pela liberdade da Índia), a BJY agiu como um ímã carregado que atravessou a Índia, atraindo para si forças progressistas, grupos marginalizados e vulneráveis e indianos comuns. E milhões de indianos apareceram - de aldeias longínquas e pequenas cidades de toda a Índia. Representando coisas diferentes para pessoas diferentes, muitas camadas normativas foram inscritas na Yatra. Alguns juntaram-se à Yatra para expressar solidariedade com o que consideravam ser um segundo movimento de liberdade (como sugerem os ensaios do Dr. Ganesh Devy e dos Professores Mridula Mukherjee e Aditya Mukherjee neste volume) ou apenas para fazer algo significativo para a nação. Alguns vieram para fazer algo maior do que o seu eu individual (como sugere o ensaio de Sridhar Radhakrishnan neste volume). Outros ainda vieram para abençoar o que consideravam uma peregrinação nacional dharmica (espiritual), enquanto outros eram apenas espectadores conscientes de um grande espetáculo político. É precisamente porque a BJY foi um palimpsesto que este volume tenta juntar diversas vozes numa sinfonia para a posteridade.

Ao fazê-lo, à semelhança do historiador ateniense Tucídides, este volume parte da experiência em primeira mão da Yatra e, em seguida, esforça-se por adotar a distância analítica do historiador. Assim, analisa a Yatra estruturalmente, traçando a sua anatomia e o seu porquê, como e o quê. Neste espírito, Bharat Jodo Yatra: Reclaiming India's Soul está dividido em três secções. A primeira seção levanta a cortina para delinear como este exercício maciço foi organizado e curado. A este respeito,

também aborda as implicações da Yatra para o partido do Congresso e as suas partes interessadas. A seção dois destaca o que foi a BJY em termos de experiência, para aqueles que percorreram todo o percurso e para aqueles que se juntaram a ela temporariamente. Finalmente, a seção três reflete sobre o que a Yatra é normativamente - para o povo e para a nação em geral. Ao fazê-lo, os ensaios desta seção baseiam-se na BJY para propor ideias disruptivas e inovadoras para promover a ideia constitucional da Índia.

A primeira seção descreve o esforço organizacional e a precisão militar com que este exercício monumental foi organizado. Por exemplo, Meenakshi Natarajan (de Madhya Pradesh), Utkarsha Rupwate (de Maharashtra) e Sasikanth Senthil (de Karnataka) descrevem a forma metódica como o partido do Congresso contatou forças progressistas fora do ecossistema do Congresso para garantir que a Yatra se tornasse um movimento popular. Este processo envolveu a reaproximação a milhares de movimentos, organizações da sociedade civil e outros grupos culturais/profissionais/sociais, e criou novas capacidades no seio do partido. Mais adiante, Hrishikesh Singh (de Jharkhand) e Utkarsha descrevem em pormenor as extensas medidas que tiveram de tomar para facilitar a inclusão destes grupos na Yatra. Os seus esforços, afirmam, não só os formaram de novo, como também mudaram a forma como as pessoas viam o Congresso. Em contrapartida, Mahima Singh (de Haryana) esforçou-se por disseminar eficazmente a mensagem da Yatra à nação à luz de uma comunicação social hostil. Ela explica como ela e a equipe de comunicação da Yatra tiveram de pensar de forma criativa para transmitir a mensagem através de meios de comunicação alternativos e das redes sociais para contornar o nevoeiro que os meios de comunicação tradicionais estavam criando deliberadamente.

É fácil ignorar a mecânica da Yatra, mas é ao estudar esses esforços que se obtém o verdadeiro sabor da Yatra e se aprecia a sua enorme escala. O volume é, sem dúvida, mais pobre por não incluir artigos sobre a forma como a rota da Yatra foi traçada e como os campos yatri foram geridos. Mas uma leitura atenta dos outros artigos dos organizadores da Yatra deixa bem claro que havia muitos dinâmicos militantes políticos silenciosos dentro do Congresso que trabalharam incansavelmente para dar vida aos objetivos da Yatra. Fizeram-no sem procurar crédito ou favor, sugerindo que havia um fervor ideológico e uma competência substanciais que poderiam rejuvenescer o Congresso como um instrumento eficaz para salvaguardar a ideia constitucional da Índia.

A segunda seção descreve em pormenor as experiências coletivas dos *Bharat yatris*. Embora estivessem unidos na forma como percorreram a logística da Yatra, cada um deles viveu-o de forma bastante diferente, com base nas suas visões do mundo socioeconômicas, políticas e culturais únicas. Para alguns, a Yatra era um dever histórico; para outros, era uma oportunidade de provar o seu empenhamento ideológico aos seus líderes; para outros, era uma oportunidade de fazer algo com um objetivo. E apesar dos seus pontos de vista únicos, encontraram pontos comuns que os uniam. Por exemplo, Chandy Oommen (de Kerala) percorreu quase toda Yatra descalço para se ligar de uma forma mais profunda a ela, bem como aos mais vulneráveis. Do mesmo modo, Lhingkim Haokip (de Manipur), que completou a Yatra apesar de uma lesão no tornozelo, encontrou forças na comunidade com quem estava caminhando e na descoberta conjunta do novo. Espelhando este sentimento, Kanhaiya Kumar (de Bihar) descobriu que os rigores coletivos da Yatra revelaram o ser interior de cada indivíduo, que, de outro modo, se protegia com uma armadura que construía para si próprio. Da mesma

forma, R. Sudha (de Tamil Nadu) sentiu que a Yatra quebrou essas barreiras e tetos internos e os amarrou de novas formas. Da mesma maneira, o Dr. Anshul Trivedi (de Madhya Pradesh) fez esforços especiais para se envolver em uma dialética para se conectar com a compreensão moral, intelectual e ideológica de cada *yatri* quando confrontado com a sua própria “alteridade” no sul. Penso que essa dialética e a consequente fraternidade” e são mais bem sintetizadas na descrição de Jothi Mani (de Tamil Nadu) do trauma coletivo que a Yatra sofreu quando um deputado sênior sucumbiu a uma parada cardíaca durante a Yatra. Os esforços frenéticos para o salvar, as suas dores compartilhadas e a força que deram uns aos outros atestam uma ligação especial que transcende a mera camaradagem.

Ao nível mais óbvio, a segunda seção dá ao leitor uma visão rara do pensamento de diversos militantes políticos, bem como das suas trajetórias individuais e visões do mundo. Mas o que é especialmente notável é a transcendência orgânica de barreiras psicológicas e preconceitos. É muito interessante estudar como as trajetórias individuais se fundem numa mesma realização e como os múltiplos afluentes se fundem num rio gigante. A Yatra torna-se assim um instrumento útil para estudar como as solidariedades de grupo são forjadas e como a consciência de massa pode ser moldada.

A seção três do volume descreve a razão de ser de algumas das principais partes interessadas da Índia para aderirem à Yatra. A maioria dos progressistas veio originalmente para exprimir as suas frustrações (que permaneciam na consciência pública, mas que estavam sendo impedidas de serem canalizadas de forma convincente). Mas a Yatra obrigou a maioria dos progressistas que aderiram a recalibrar as suas opiniões sobre Rahul Gandhi e o partido do Congresso. Por exemplo, o Professor Ajay Gudavarthy argumenta que a Yatra perturbou

a inércia em que o partido do Congresso se tinha instalado e obrigou-o a desaprender e reaprender a política ideológica. Curiosamente, este sentimento é refletido pelo líder sénior do Congresso, Salman Khurshid, que afirma que a Yatra forçou o partido a enfrentar as suas fraquezas internas e a criar um exército de militantes políticos. Da mesma forma, ao sentirem-se tocados pelo empenho e idealismo dos Congressistas que encontraram, tanto Sandesh Bhandare como Darshan Mondkar, argumentaram que a Yatra mudou profundamente as suas opiniões sobre o partido do Congresso em geral e sobre Rahul Gandhi em particular.

Isto deve-se, em parte, ao fato de a Yatra ter conscientemente confrontado a amnésia fabricada das injustiças da última década e a atmosfera opressiva de ódio, como sugere Sridhar no seu ensaio. Também proporcionou, como afirma A.S. Dulat, um bálsamo simbólico para os mais vulneráveis e privados de direitos, como o povo de Jammu e da Caxemira. A Yatra também ligou milhões de progressistas entre si, que até então sentiam que estavam completamente sozinhos na sua luta por uma sociedade liberal, secular e democrática. Como sugere o Professor Mukulika Banerjee, a Yatra e esta mini-Índia em movimento constituíram coletivamente uma imagem alternativa da Índia.

Como atestam os numerosos artigos deste volume, muitas pessoas que testemunharam a Yatra (propositadamente ou por acaso) entenderam-na como uma viagem espiritual e disseram-nos proativamente que estávamos fazendo um grande tapasya (sacrifício) pela nação. O fato de, tal como Adi Shankaracharya, Gautama Buda e Mahatma Gandhi fizeram em outros tempos, estarmos caminhando para propagar aquilo em que acreditávamos, conferiu à BJY um estatuto especial na mente das pessoas. Tal como muitos yatris o atestariam

sem dúvida, posso contar vários casos de transeuntes que se aproximaram proativamente de nós para nos oferecerem frutos, para nos abraçarem e abençoarem. Muitas vezes não entendíamos a língua, embora o que eles queriam dizer fosse muito claro. Lembro-me de que, no início de Kerala, como alguns de nós estavam dormindo com membros da sociedade civil, tivemos de tomar as nossas próprias providências (pelo menos durante as primeiras semanas, após as quais o partido do Congresso começou a tomar providências para a sociedade civil). Depois de percorrermos mais de 22 quilômetros, tivemos primeiro de localizar a escola primária onde íamos dormir e depois lavar a roupa para o dia seguinte. Quando começamos a procurar comida, já passava das 22h30, quase tudo estava fechado. Exaustos e conscientes de que tínhamos que estar de volta à estrada antes das 6 da manhã, entramos no primeiro restaurante aberto que encontramos. Enquanto esperávamos pela comida, partilhávamos entusiasticamente histórias sobre o que tínhamos vivido no início do dia. De repente, o gerente veio perguntar-nos se éramos Bharat yatris. Os seus olhos iluminaram-se quando respondemos afirmativamente e pediu-nos que ficássemos o tempo que quiséssemos (apesar de a caixa ter acabado de nos dizer que teríamos de encomendar comida para fora, uma vez que iam fechar dentro de quinze minutos). Perguntou se podia juntar-se a nós e se envolveu na nossa conversa como um estudante. Após dez minutos de conversa, alguém nos trouxe comida e bebidas que não tínhamos pedido. O gerente, de maneira tímida, interveio para dizer que era por conta dele e se recusou a considerar nossos protestos. Continuou a dizer que o seu pai era um dirigente distrital do Partido Comunista da Índia e que queria juntar-se à Yatra (juntamente com muitos de partidos de esquerda), mas não pôde devido às infelizes tensões temporárias entre os dois partidos por causa das observações pouco conscienciosas de um dirigente. Continuou a dizer que, embora ele próprio não

pudesse participar na Yatra, ajudar-nos era a sua contribuição para esta segunda Dandi Yatra. Abraçou-me calorosamente antes de eu partir e deu-me um pequeno pacote de tapioca e banana para a viagem seguinte. Foi durante este incidente que me apercebi pela primeira vez que a Yatra era muito mais do que apenas política.

Transcendendo as normas da política, a Bharat Jodo teve um impacto profundo em todos nós. Olhando para trás, quando comecei a Yatra, lembro-me de me preparar mentalmente para me envolver com as massas. Lembro-me de me sentir inseguro - com medo, até - do que iria enfrentar. Estava muito preocupado com o que iria dizer, ou como iriam reagir, especialmente porque nenhum de nós era um líder reconhecido. Por isso, confortava-me o fato de saber que estaria perdido num mar de companheiros yatris. E nos primeiros dias concentrei-me apenas no ato de caminhar, contemplando as maravilhosas paisagens da Índia. Mas a maneira como as pessoas reagiram derreteu todos os meus medos e ansiedades. As pessoas poderiam ser redutoras e dizer que os indianos são simples e emotivos, e talvez sejamos. Mas a verdade é que aquelas milhares de pessoas acenando, sorrindo e correndo ao nosso lado, aldeia após aldeia, mudaram algo em mim. O que eram multidões sem rosto tornaram-se de repente indivíduos com sorrisos curiosos e amigáveis. Já não precisava de um suporte ou de um escudo. E quando comecei a olhar profundamente para os seus olhos, comecei automaticamente a relacionar-me com eles. Os seus olhos arregalavam-se de alegria e expectativa, e acenavam-nos com entusiasmo. Faziam com que os seus filhos brincassem conosco e éramos inundados com pedidos de selfies e fotografias de grupo. As avós idosas e envelhecidas abençoavam-nos gentilmente, enquanto as moças riam descontroladamente quando lhes acenávamos. As crianças trotavam sem fôlego ao nosso lado durante o máximo de tempo possível (ou até as mães as deixarem), partilhando os seus biscoitos e contando-nos animadamente as suas histórias

inocentes. Mesmo as pessoas frias e indiferentes amoleciam invariavelmente se lhes estendêssemos a mão para as apertar. Inicialmente, hesitavam e tentavam evitar-nos, mas algo inexplicável os atraía para nós. Eu não sabia o que mais poderia fazer para responder adequadamente à esmagadora efusão de amor e afeto com que éramos constantemente banhados, apesar de não sermos ninguém. Suponho que esta era a sua forma de se juntarem à Yatra, de tocarem em algo histórico.

E, ainda mais crucial, este processo de envolvimento com as pessoas que a BJY nos impôs começou a quebrar as barreiras entre os *yatris*. Pela primeira vez, começamos a ver que a maioria de nós partilhava as mesmas lutas, medos e aspirações. Lembro-me de observar um colega yatri que conscientemente evitava o contato visual com as massas que se aglomeravam, pois não só estava lutando para se relacionar com as pessoas, como também se sentia claramente excluído (uma vez que, a essa altura, estávamos verdadeiramente desfrutando sinônimo de das conversas faladas e não faladas com as multidões que nos rodeavam). Por isso, alguns de nós começamos a pressioná-lo gentilmente para que começasse a falar com as pessoas. Apontando para as famílias nas varandas distantes, fizemos com que ele chamasse a atenção delas e acenasse para cada uma delas. Orientamos para que ele conversasse com as famílias que esperavam por nós nos passeios. E o puxamos literalmente para se juntar a nós na procura da bênção de alguns anciãos da aldeia sentados à beira dos batentes das suas portas. Rapidamente assistimos a uma transformação gradual à medida que ele começou a aperceber-se de como era simples. E assim começou a envolver-se desajeitadamente com toda a gente, até ao ponto em que não saía de um lugar sem ter apertado todas as mãos! A sua confiança recém-descoberta também teve consequências hilariantes, como quando acenou entusiasticamente a algumas crianças que estavam com as suas

mães, gritando: “Olá, bebês! Uma vez que não era claro quem eram os destinatários da sua saudação, esta provocou silêncios atônitos (e alguns olhares desagradáveis) por parte de todas as senhoras e uma hilaridade geral por parte de todos os outros.

Muitos destes casos fizeram-nos confrontar os nossos próprios preconceitos em relação à política e aos políticos. Ironicamente, nós próprios compramos inconscientemente a crença generalizada de que as pessoas gravitam em torno da política para obter mobilidade econômica e social ascendente, bem como atalhos para ultrapassar as dificuldades da vida. É verdade que estas são tentações eternas. Mas, de acordo com a minha experiência limitada, aqueles que trabalham na função pública são movidos principalmente pelo desejo de fazer algo com um objetivo - para o nosso povo, para a nação e para a humanidade em geral. De fato, muitos dos yatris tinham meios limitados e não podiam dar-se ao luxo de regressar às suas casas quando a Yatra parou durante uma semana. Mas como o processo de permanecer fiel ao seu caminho implica sacrificar as construções sociais do normal, a política é profundamente isoladora. Enfrentando probabilidades esmagadoras, não há ninguém que nos ajude a navegar no labirinto que é a política. Isto é exacerbado pelo fato de as organizações políticas (como todos os sistemas) terem uma inércia intrínseca. Como robôs sem mente, estamos presos a uma rotina que nos rouba nossa autonomia e criatividade. E uma vez que alguém consegue entrar nesse sistema com sucesso, a maioria escolhe conscientemente manter o *status quo*. Aqueles a quem são conferidos estes janeus da nova era (janeus são fios sagrados que marcam certas castas) ou incluem desfavoravelmente ou excluem completamente (dependendo da proximidade com eles e da conformidade com as suas regras). Inexplicavelmente, estas pessoas acreditam que nós merecemos o que temos, mas os outros não. Por isso, para quem vem de fora, a política é um salto de fé. Não existe um

conjunto de ferramentas, um mentor ou um benfeitor para os que estão fora do status quo. Lutamos para nos integrarmos e darmos sentido às normas que tanto incluem como excluem. Consequentemente, os jovens políticos são forçados a esperar na sombra durante anos, sem oportunidades de fazer algo com um objetivo ou de subir na vida. Isto é especialmente problemático porque essas pessoas não têm redes de segurança, fortunas ou almofadas macias para se apoiarem.

É fundamental compreender a constituição psicológica destas pessoas. Sacrificando todas as armadilhas de uma vida normal, é necessária uma enorme coragem para se manter fiel aos seus princípios e ideologia. Para não se perder de si próprio. Penso que todos nós já nos sentimos, em algum momento, como se estivéssemos a olhar para o mundo através de uma parede de vidro - lá e não realmente lá; agindo nele, mas não participando dele; e vendo tudo, mas não realmente nele. Não temos o luxo de uma vida normal, de uma rotina ou de pequenas regalias e confortos. Esta situação complexa pode ser extremamente esmagadora e alienante. Tal como uma espessa camada de cinzas sufocando o fogo em nossas barrigas, isto aflige muitos de nós na política. E assim erguemos muros à nossa volta para evitar qualquer exposição ou vulnerabilidade. Afinal de contas, é reconfortante ser cínico e frio. Mas a BJY juntou-nos a todos nós, *Karnas* (para usar uma expressão do Mahabharata). Lembrou-nos que não estávamos sozinhos, que estávamos unidos num pacto para fazer e ser mais do que cada um de nós. Mesmo que as conversas entre os yatris possam não ter sido as mais estimulantes, como o Dr. Anshul Trivedi atesta no seu artigo, a Yatra quebrou substancialmente as barreiras entre todos nós, bem como entre líderes e *karyakartas* (militantes políticos). Só o tempo dirá se isso também se traduz em reformas estruturais que criem um campo de jogo mais equitativo dentro da política.

Assim, como sugere o Dr. Kanhaiya Kumar no seu artigo, num sentido muito real, a BJY revelou o pior e o melhor das pessoas. Como disse o antigo filósofo grego Heráclito: “Nenhum homem pisa duas vezes no mesmo rio, porque não é o mesmo rio e ele não é o mesmo homem”. Isto aplica-se muito bem à Yatra, que nos tornou mais humildes e mudou a maioria de nós. Muitos de nós somos pessoas diferentes hoje do que éramos quando a Yatra começou. Muitos de nós (incluindo eu) vieram com noções preconcebidas das nossas capacidades, competências e importância, e também com suspeitas e preconceitos em relação aos nossos pares. Mas todos tivemos de enfrentar os nossos dogmas, em parte para apreciar a enorme diversidade de ideias e energias na Yatra e em parte devido ao grupo excepcional de pessoas com quem tivemos a honra de caminhar e trabalhar. Tal como Mahatma Gandhi ensinou uma vez ao partido, aprendemos a verificar as nossas próprias percepções, a acomodar as diferenças e a ver os nossos pares como um reflexo de nós próprios. Houve, sem dúvida, quem impusesse os seus pontos de vista, se recusasse a fazer concessões e se comportasse de forma egoísta (quer procurando publicidade, quer clamando por acesso à liderança do partido, tentando cercar Rahul Gandhi ou excluindo energias e pessoas), como R. Sudha alude no seu artigo. Mas penso que a maioria de nós aceitou organicamente que cada um tinha algo de único para oferecer e que a única forma de promover os nossos objetivos comuns era trabalhar em colaboração e de forma consensual. Aprendemos a abraçar as contradições inerentes à natureza humana e a não ver tudo em preto e branco; aprendemos a partilhar responsabilidades sem nos preocuparmos com os créditos; e aceitamos que, em penúltima análise que a Yatra (e, em última análise, tudo o que estávamos fazendo) era sobre as pessoas.

Esta pode ser uma visão excessivamente romantizada

da BJY, mas acredito sinceramente que forjou um verdadeiro exército de *karyakartas* (militantes) ideologicamente afiados, competentes e moralmente íntegros, que irão apoiar o partido do Congresso nas próximas três ou quatro décadas. Tanto o Professor Ajay Gudavarthy como Salman Khurshid afirmam que o partido está, sem dúvida, em muito melhor forma devido à Yatra. Este é um fenômeno pouco estudado, mas a BJY refutou a noção de que a organização do partido do Congresso estava moribunda ou podre - para os seus aliados políticos, a BJP e a nação em geral. Há muito que se teoriza que o Congresso está ideologicamente à deriva e em declínio terminal. Por um lado, esta percepção pode ser atribuída à inevitável inércia e desordem que se instala após sucessivas derrotas eleitorais. Para ser justo, houve um momento em que o partido estava tão preocupado em fazer a coisa de forma errada que deixou de fazer qualquer coisa. Além disso, depois de servir durante décadas em governos a vários níveis, o principal modo de envolvimento do partido do Congresso com as pessoas era através do Estado. Isto resultou numa perda de autoconfiança semelhante à de Hamlet, com uma sensação apocalíptica de desgraça no seu interior. Mas, por outro lado, esta percepção foi também metodicamente fomentada pela máquina de propaganda do partido BJP.

No entanto, ao ler os ensaios de Utkarsha Rupwate, Sasikanth Senthil ou Mahima Singh, torna-se claro que todos os aspectos da BJY - desde a organização da logística (estadia, alimentação e transporte de bagagem) até à organização das interações, o contato com organizações da sociedade civil e movimentos populares, redes sociais e comunicações, segurança, etc. - foram meticulosamente geridos por funcionários do partido. Estado após estado, o Congresso encontrou na organização numerosos militantes políticos que eram excepcionalmente dinâmicos e motivados. Enquanto

os líderes seniores do partido supervisionavam todos os pormenores, davam poder aos intervenientes mais jovens para experimentarem e aprenderem com os seus erros. A BJY obrigou assim o partido do Congresso a confrontar e reformar as fraquezas que se tinham instalado. Anos de inércia burocrática foram varridos por este movimento radicalmente disruptivo, que obrigou o partido a recordar a sua vitalidade e a regressar aos seus princípios fundamentais. E o crédito por este fato deve ser atribuído ao antigo presidente do Congresso, Rahul Gandhi, que prestou um serviço histórico ao grande e velho partido da Índia.

A Yatra foi também um curso intensivo de psicologia humana. Permitiu-nos observar minuciosamente (embora de forma limitada) não só os *yatris* e outros organizadores, mas também milhares de pessoas que vieram interagir com o partido do Congresso (tanto em interações à porta fechada como em caminhadas). Uma coisa ficou bem clara, algo que escapou a muitos meios de comunicação social (quer devido às viseiras que escolheram colocar, quer devido a falhas na forma como os meios de comunicação social estão estruturados). Milhões de indianos debatem-se com problemas profundamente enraizados (tanto estruturais como da última década) que não estão sendo abordados, alguns deles captados de forma pungente nos ensaios de Meenakshi Natarajan, Nikhil Dey e Medha Patkar-Guddi. As pessoas sentem-se não ouvidas e ignoradas. E estão ansiando por alguém que lhes preste atenção. E Rahul Gandhi não se limitou a ouvi-las atentamente, mas também lhes deu a esperança de um futuro melhor.

Mas há que se admitir que algo também mudou na consciência de massa da Índia. Esta é uma generalização que pode não ser universalmente aplicável, dado que a Índia é uma sociedade altamente estratificada. Mas, de um modo geral, uma

Índia com aspirações agressivas não vê o governo como o seu “mai-baap” (Nota do tradutor: a expressão “mai-baap” (“mãe-pai”) significa ato de subserviência) e, certamente, não se sente em dívida para com o apoio que a trouxe até aqui nos últimos setenta anos. Isto não quer dizer que as pessoas não precisem de uma infraestrutura cívica e política que lhes permita realizar as suas funções. Precisam. E é dever moral do governo fazer tudo o que for preciso para garantir que as suas necessidades e aspirações sejam satisfeitas. Mas as pessoas não querem que esse apoio seja caracterizado como uma esmola. Ansiando por *samman* (respeito e dignidade), *samruddhi* (progresso e prosperidade) e, acima de tudo, *vikaas* (desenvolvimento)¹⁰, muitos indianos estão progressivamente ansiosos sobre o seu lugar na sociedade e estão exibindo uma “mistura de emoções rebeldes e ideias sociais reacionárias”¹¹. Eles sentem-se zangados por serem deixados de fora (por causa de perspectivas aparentemente inadequadas de avanço socioeconômico) e mais zangados por serem retidos (por causa do nepotismo, corrupção e um sentimento percebido de patrocínio injusto do Estado para com as minorias e comunidades historicamente marginalizadas). Esta mistura inebriante de emoções confusas está sendo exacerbada pelo fenômeno da solidão urbana¹² e está sendo projetada na Internet. Um dos consequentes subprodutos deste fenômeno é a forte convicção de que o *establishment*, as organizações da sociedade civil, a *intelligentsia* e setores dos meios de comunicação social estão atrasando a

10 “The Battle for India’s Soul”, de Pushparaj Deshpande, em Aakash Singh Rathore e Ashis Nandy, *Vision for a Nation: Paths & Perspectives*, Penguin Random House India, Nova Deli, 2020.

11 Wilhelm Reich, *The Mass Psychology of Fascism*, Organe Institute Press, Nova Iorque, 1946.

12 Colette Shade, ‘Capitalism Is Making You Lonely’, *Jacobin*, 23 de agosto de 2021, <https://jacobin.com/2021/08/capitalism-lonliness-social-evaluation-health-socializing-time> (last accessed on 18 November 2023); Suchayan Mandal, ‘Urban Loneliness: What It Means and How to Overcome It’, *The Free Press Journal*, 22 de julho de 2022, <https://www.freepressjournal.in/weekend/urban-loneliness-what-it-means-and-how-to-overcome-it> (last accessed on 18 November de 2023).

restauração de Bharat (Índia) à sua glória passada; e que os valores liberais, seculares e democráticos são uma ameaça à sanskar (cultura) indiana (e mais especificamente hindu). A influência desta psicose de massas não pode ser subestimada, uma vez que preparou o caminho para um ataque frontal à ideia constitucional da Índia.

Por exemplo, três grupos díspares em Maharashtra apresentaram pontos de vista dramaticamente contrários. Por um lado, alguns eminentes pensadores e ativistas Dalit estavam determinados a perguntar a Rahul Gandhi sobre a posição do partido do Congresso relativamente às reservas para a Seção Economicamente Mais Fraca (Nota do tradutor: EWS – *Economically Weaker Section*. A EWS foi introduzida pelo governo indiano para proporcionar uma ajuda adicional a indivíduos e famílias que necessitam de suporte em termos de educação, empregos e outros benefícios sociais, não se constituindo em uma casta). Eles sentiam que isso minava o quadro constitucional da Índia. Por outro lado, uma delegação de líderes seniores da comunidade Maratha queria exigir reservas para os Marathas (que, na sua opinião, poderiam ser concretizadas através da sua exclusão das quotas reservadas às classes social e educacionalmente mais atrasadas, popularmente conhecidas como OBC (Nota do tradutor: OBCs na Índia significa “Other Backward Classes” ou Outras Classes Sociais Desfavorecidas). E, diametralmente oposto a isto, os grupos OBC exigiam a expansão da quota OBC (após um censo de castas), mas não queriam que fossem retirados os direitos existentes que lhes estavam destinados. Era difícil conciliar estas três exigências contrastantes, mas esta é a principal questão que se coloca atualmente à Índia (especialmente levando em conta que esta é a primeira geração que, embora mais instruída do que a anterior, não pode esperar um estilo de vida melhor tão facilmente como antes). Assim sendo, teria valido a pena

iniciar uma conversa entre estes grupos (nem que fosse apenas como um teste). No entanto, quando o encontro se realizou (embora apenas com dois dos grupos acima mencionados; o terceiro teve de ser encaixado como uma interação ambulante devido à escassez de tempo e de espaço), foram feitos esforços para rejeitar as perguntas. Também não parecia haver um ponto de encontro, e havia uma desconfiança palpável no ar.

Finalmente, Rahul Gandhi interveio de forma proativa para responder às perguntas de forma sensível e inteligente. Ele tentou também estabelecer pontes entre as diferentes perspectivas, sugerindo que todos tinham necessidades e aspirações semelhantes. De forma a desarmar os ânimos, Rahul Gandhi também admitiu que ele próprio teve de lutar para controlar os impulsos retrógrados no seio da organização partidária e convidou os presentes na sala a juntarem-se ao partido para garantir que este se tornasse um veículo para conduzir a sua agenda. Sem surpresa, todas as pessoas presentes na sala se converteram no final da reunião.

Em interação após interação (como Bhanwar Meghwanshi e Darshan Mondkar atestam nos seus artigos), tudo que Rahul Gandhi fez, serviu de contraste à persona cuidadosamente planejada e bem cuidada do Primeiro-Ministro Narendra Modi. Ao contrário da formalidade e da rigidez do Primeiro-Ministro Modi, Rahul Gandhi revelou-se compassivo, relacionável e caloroso. Abraçava as pessoas, independentemente de quem eram ou de onde vinham (transcendendo assim a casta, a classe, o credo e quaisquer muros ortodoxos que traçamos para nós próprios). Não era paternalista nem tinha um coração fechado. Duas figuras históricas também se justapuseram conscientemente a um sistema distante e formal - Mahatma Gandhi e a Princesa Diana. Tornando-se marcas em si mesmas, perturbaram

radicalmente o status quo através do seu corpo de trabalho e das suas expressões significativas de cuidados. Aliviaram conscientemente o vazio psicológico e espiritual que se tornou uma experiência cotidiana para uma vasta multidão de pessoas (o que explica, em parte, o fato de venderem as suas liberdades a líderes autoritários só para se livrarem das suas ansiedades insuportáveis e paralisantes). Da mesma forma, após anos de um modelo de liderança autoritário e imperioso, Rahul Gandhi pode propor conscientemente um modelo alternativo de liderança para a Índia e a evocar o *maanavisbtha Bharatiyata* (nacionalismo indiano humano), algo a que o artigo de Supriya Shrinete alude.

No entanto, uma consequência imprevista, não relacionada, mas importante, da BJY poderá ter sido o fato de, ao dar a uma vasta gama de grupos constituintes da Índia uma plataforma construtiva para exporem as suas queixas, ter funcionado como uma válvula de segurança. Isto certamente ligou-os ao partido do Congresso (e mais especificamente a Rahul Gandhi), mas pode ter diminuído o fervor que as queixas podem gerar. Embora isto possa parecer contra intuitivo para um partido político (que deveria ter aproveitado essas queixas para fins eleitorais), a história nos ensina que para derrotar um Estado autoritário que utiliza todos os instrumentos de governo do Estado contra os seus opositores é necessário um pensamento inovador. Tal como a luta de libertação indiana fez contra o estado colonial, táticas de guerrilha metódicas e consistentes podem destruir fundações aparentemente invulneráveis. E eu suspeito que Rahul Gandhi está recuperando metodicamente as margens e movendo-se para dentro.

Mas, dito isto, muito mais pode ser feito para limpar construtivamente as energias que fluíram para a Yatra e para a organização do partido. Em grande parte, devido à forma como Rahul Gandhi se envolveu com a Índia, as antipatias

das pessoas em relação ao partido do Congresso diminuíram. Há um sentimento generalizado de que o Congresso continua a ser a única força política que não transige com o partido BJP, razão pela qual milhões de indianos estão realinhando-se psicologicamente com os valores que defende. Após quase doze anos de propaganda incessante por parte do BJP, a visão da Yatra, que se prolonga incessantemente semana após semana, finalmente mostrou à Índia o seu empenhamento inabalável e o do Congresso para com a nação e o povo.

Além disso, tendo interagido com numerosos patriotas nos estados por onde passei (algo que o meu coeditor me garante que se refletiu nos restantes seis estados), as pessoas estão desesperadas por fazer alguma coisa. Já não se contentam em ser espectadores conscienciosos. Espelhando a história civilizacional da Índia, múltiplas ideias, ideologias e energias estão mais uma vez desejosas de fluir em conjunto como uma força unida. A maioria silenciosa sente-se sufocada com as perversões infligidas ao *ethos* desta antiga civilização - com as mentiras, o ódio e a violência abafando o que há de melhor em nós. Sentimos que os nossos destinos não são da nossa própria escolha, e estamos desgostosos com o ataque ao nosso modo de vida. Todos ansiamos pela renovação de um tempo em que a honra, a integridade e a verdade contavam para alguma coisa; em que olhávamos para a frente em vez de olharmos para trás, e em que os nossos êxitos não dependiam dos infortúnios dos nossos concidadãos indianos. O que começou por ser um murmúrio está agora a tornar-se um rugido. Este impulso não pode ser deixado ao sabor da história - tem de ser canalizado de forma construtiva e institucionalizado. Isso confere uma responsabilidade especial a todos nós, pois a história nos chama a estar à altura da ocasião.

Portanto, em vez de olhar para o partido do Congresso como um movimento (como era originalmente), talvez seja

hora de reimaginar o Congresso como um centro nevrálgico que permite e coordena um milhão de flores em toda a Índia. Nesta leitura, as forças progressistas podem ser ativamente capacitadas para fazer a reengenharia programática do *software* (cultura, valores e atitudes) e do *hardware* (economia, instituições e sistemas) da Índia. Reestruturar o *software* da Índia significaria remodelar a consciência social através da disseminação de valores liberais, plurais e democráticos de forma criativa através de filmes/séries, livros, notícias, meios de comunicação social, sistemas educativos e religiões (como o movimento do Congresso fez em tempos durante a luta pela liberdade). Significaria escalar a batalha normativa e ideológica em que nos encontramos para além dos “centros de resistência” como Shaheen Bagh, Jantar Mantar, Roshan Bagh, Azad Maidan e a fronteira de Singhu (Nota do tradutor: Esses centros de resistência são locais na Índia que se tornaram centros importantes de protestos políticos e sociais nas últimas décadas, cada um com seu próprio contexto e significado. Esses lugares são conhecidos por abrigar manifestações e movimentos populares, muitas vezes relacionados a questões de justiça social, direitos civis, políticas públicas e reformas legais). Isto porque os progressistas precisam de convencer especialmente aqueles que não subscrevem o liberalismo e o secularismo. Para isso, é necessário reconstruir as relações com as pessoas e passar das ruas para as casas. Por outro lado, a reengenharia do hardware da Índia significaria criar um projeto visionário de onde a Índia deveria estar quando fizesse cem anos (em 2047), repensando cuidadosamente os paradigmas socioeconômicos e políticos. Significaria também corrigir as falhas estruturais das instituições existentes na Índia, criar novas instituições equipadas para enfrentar novos desafios e ativar todos os sistemas da Índia (os seus partidos políticos, a burocracia, as partes interessadas da comunidade, os grupos de interesse, etc.) para promover a promessa constitucional da

Índia. Uma nação não é governada apenas por sistemas formais e alianças políticas, mas também por sistemas informais e alianças não-políticas.

Só quando os progressistas remodelarem de forma abrangente o *software* e o *hardware* da Índia é que poderemos criar uma sinfonia a partir das múltiplas vozes da Índia e, assim, forjar um consenso sobre a forma como podemos proceder enquanto sociedade. Para tal, é necessário dar igual espaço e capacidade de ação a todos os membros de uma orquestra. Lendo os ensaios de D. Raja, Supriya Sule, Mehbooba Mufti e Sanjay Raut, é evidente que todos eles se consideram guardiães conjuntos da ideia constitucional da Índia. Como uma sonata para uma eventual sinfonia, a Yatra uniu-os num esforço renovado para reunificar a nação e recuperar a alma da Índia. Ao fazê-lo, podemos também recuperar a nossa própria humanidade.